

TORNAR-SE HOMEM...

Eliane Mendlowicz

Freud, ao desenvolver o complexo de Édipo e suas determinações nas identificações sexuais, definiu a sexualidade humana como dependente das vicissitudes edípicas, ou seja, a sexualidade humana depende da singularidade de cada destino, embora a anatomia desempenhe um papel fundamental nesta vicissitude. Mas Freud, como um pesquisador, preocupado com a construção de uma teoria geral sobre o sujeito, seleciona condições que tornariam o destino da posição feminina mais complicado que o masculino. Aliás, Freud sempre sugere que se tornar mulher é algo muito difícil, principalmente porque para Freud a mulher foi um enigma que não conseguiu desvendar. Trocando em miúdos: seria mais fácil se tornar homem do que mulher? Não é exatamente isso que observamos em nossa prática clínica, ou mesmo no nosso mundo social. A incidência das escolhas homossexuais não nos parece maior nas mulheres do que nos homens, e mesmo os tropeços nas identificações sexuais pertencem certamente aos dois gêneros. Se, por um lado, a mulher freqüente-

mente se apresenta na clínica com o sintoma de frigidez, o homem, por sua vez, comparece com a impotência ou a ejaculação precoce, apesar de ter a mão o tão famoso significante fálico.

Não se trata aqui de um protesto feminino ou mesmo tentar elaborar uma equação perfeita homem x mulher, no sentido de poder-se concluir que é tão difícil se tornar mulher quanto homem. O que se pretende é avançar um pouco mais nesta questão e procuraremos apontar o que dentro da própria teorização Freudiana pode funcionar como um entrave na trajetória masculina, uma vez que, como já observamos, as oscilações identificatórias no destino sexual masculino são bastante significativas, o que por si só justifica nossa pesquisa.

Não deixa de ser curioso pensar que Freud pode ser tão preciso ao indicar os fatores que dificultam o caminho da “resolução” edípica nas mulheres e parece ter deixado escapar complicadores significativos na trajetória masculina, fatores este magistralmente elaborados pelo próprio Freud ao longo de sua construção teórica, mas não valorizados como grandes complicadores deste difícil percurso humano, referido à determinação de sua sexualidade.

Não se tem aqui a pretensão, ao se tentar apontar complicadores na trajetória do sujeito masculino, de esgotar a trilha da constituição da sexualidade humana. Ela está repleta de enigmas e os psicanalistas tentam lentamente elucidar alguns desses enigmas avançando no legado freudiano, embora as pesquisas, os textos mais recentes da psicanálise, se dirijam muito mais à questão do que é uma mulher do que à trilha da constituição da sexualidade masculina, isto não implica que a questão da masculinidade esteja completamente elucidada.

Retomemos Freud e o Complexo de Édipo no seu texto sobre a feminilidade¹.

Neste texto, Freud introduz um novo complicador no destino da sexualidade feminina. Previamente já havia detectado o fato de que a menina teria que desistir de sua zona

genital primordial - o clitóris - em nome de outra zona, a vagina. Não entraremos no mérito desta dificuldade levantada por Freud, questão esta bastante discutível a luz das novas conquistas fisio-anatômicas. Mais significativo que este complicador é o que Freud introduz neste texto e que diz respeito à mudança de seu objeto original de amor, a mãe, esforço que o menino não precisa fazer, no seu trajeto em direção à masculinidade. Freud ao fazer esta constatação reconhece que o período pré-edipiano nas meninas, fase em que se encontravam fortemente fixadas à figura feminina, foi por ele mais desconsiderada do que deveria ser e chega a colocar em questão a universalidade da tese de que o complexo de Édipo seria o núcleo de toda e qualquer neurose, uma vez que Freud sempre valorizou os anos mais precoces da vida como aqueles mais suscetíveis a repressões e fixações devido à fragilidade do eu. Sugere, para manter a hipótese do Édipo como fator nuclear de toda neurose, a extensão do conteúdo Edípico, incluindo nele a relação das crianças com os dois pais, indicando que a menina só ingressa na fase positiva do complexo de Édipo, ou seja, quando o pai é escolhido como objeto primordial de amor, após ter vencido o período anterior, o Édipo negativo, quando a mãe ocupava este lugar privilegiado. Acrescenta, ainda, quão enigmática é, para ele, esta fase da ligação das meninas a suas mães, apontando a questão transferencial, ou seja, o fato dele ser homem funcionar como um elemento que dificultou a transferência materna.

A valorização deste período faz com que Freud insinue a possibilidade de uma determinação para o feminino além da questão fálica, ao suspeitar que é justamente esta ligação intensa e primitiva com a mãe que pode ser a chave da etiologia da histeria, neurose apontada por Freud como caracteristicamente feminina, assim como é esta relação que implica o germe da paranóia de ser morta, devorada pela mãe. Claro está, que este devoramento implica uma posição erótica passiva, que Freud desenvolve como tipicamente feminina, “uma erogeneidade que não a erogeneidade do gozo fálico”².

Ao ingressar no complexo de Édipo positivo, Freud desenvolve os complicadores da determinação da constituição sexual. Nos meninos é a ameaça de castração que o leva a transformar o complexo de Édipo, edificando solidamente o superego, estrutura indispensável à formação do laço social. É justo o amor pelo pênis que leva ao abandono da sexualidade infantil, mas Freud está sempre valorizando o que há de paradoxal em suas construções teóricas e prossegue com sua habitual acuidade esclarecendo-nos que este mesmo amor narcísico pelo pênis também pode atuar como um complicador na determinação da sexualidade, pois pode levar a alguns homens a terem horror das mulheres, justo por elas serem castradas, daí a escolha de objeto homossexual.

Em relação ao destino feminino no complexo de Édipo, a grande vilã é a inveja do pênis que atua complicando a feminilidade. Ora, novamente, o grande dificultador também é o que possibilita, o que introduz a possibilidade do destino feminino, pois é o fato do pai ter um pênis e a mãe não, que leva a menina a abandonar o seu primeiro objeto amoroso.

A questão da bissexualidade e sua atualização no complexo familiar é outro fator que não facilita em nada o caminho da constituição sexual. O menino não tem só uma atitude ambivalente em relação a seu pai e uma escolha afetiva na relação com sua mãe, ele também se comporta como uma menina e demonstra uma atitude feminina afetuosa com seu pai e ciúmes e hostilidade para com sua mãe. Mas a bissexualidade é um componente que dificulta tanto o caminho da feminilidade quanto o da masculinidade, e o que buscamos é especificamente algo exclusivo da trajetória masculina, pois já sabemos que não existe um paralelo completo entre a feminilidade e a masculinidade.

Freud nos lembra ainda para jamais desconsiderarmos o fato que os primeiros impulsos libidinosos têm uma intensidade muito superior a qualquer um que ocorra posteriormente e podem até mesmo ser qualificados como incomensuráveis.

Dentro desta perspectiva, podemos imaginar quão importante e determinante para a constituição sexual de cada um, o fato de que as primeiras experiências sexuais que uma criança tem com sua mãe sejam de caráter evidentemente passivo. Ela é alimentada, limpa, acarinhada por essa mãe. Na realidade ela é introduzida na ordem da sexualidade por esses cuidados maternos. Uma parte da libido se fixa a estas experiências e goza delas, outra parte tenta transformá-las em atividade. Freud alerta que quando uma criança recebe uma impressão passiva ela tem uma tendência a produzir uma reação ativa. Mas essa transformação de passividade e atividade não ocorre da mesma forma em todas as crianças. De qualquer forma, é justo a reação de uma criança a isso que nos permitirá concluir a força relativa da sua masculinidade ou feminilidade em seu comportamento sexual.

Chama-nos a atenção o fato de Freud não ter valorizado esse fator como algo que atua dificultando o caminho da constituição masculina. O fato das primeiras experiências sexuais serem de caráter eminentemente passivo, conjugado com a constatação de que os primeiros impulsos libidinosos têm uma intensidade muito superior a qualquer um que ocorra posteriormente, aponta logicamente para um esforço maior que o menino precisará fazer em busca de objetivos mais ativos em relação à sua satisfação sexual. Segundo o próprio Freud, a sexualidade masculina é predominantemente ativa, diferentemente da feminina que pode se contentar com o gozo do tipo passivo, fixado a essas primeiras experiências sexuais. Vale a pena lembrar que o que diferencia a sexualidade feminina e a masculina, segundo Freud, é o modo de satisfação, o tipo de gozo, pois a libido é uma só e é sempre ativa, ela busca satisfação; os objetivos é que se diferenciam podendo ser qualificados como ativos ou passivos.

Pode-se caracterizar, no dizer de Freud, a feminilidade como a que dá preferência a objetivos passivos. Isto evidentemente não é o mesmo que passividade, pode ser necessário muita atividade para se chegar a um objetivo passivo.

A masculinidade, segundo o próprio Freud, se caracteriza por uma sexualidade que visa objetivos ativos e, do momento em que as primeiras experiências foram de caráter eminentemente passivo, haverá conseqüentemente uma fixação intensa neste tipo de gozo e, portanto, uma busca imperiosa deste tipo de satisfação; evidencia-se a conseqüência lógica desta formulação, ou seja, a entrada no mundo da sexualidade é no dizer de Freud eminentemente **feminina**, e tudo o que é mais precoce no homem é também o mais sujeito a repressões e fixações; daí ser possível apontar mais um complicador específico e exclusivo da sexualidade masculina. Mas prossigamos com o próprio Freud, que através do desenvolvimento da teoria sobre o estudo das perversões, nos fornece um outro precioso indicador da dificuldade de se tornar homem.

O desenvolvimento dessa premissa só foi possível levando em conta a máxima de Freud que nos adverte que a patologia nos possibilitou discernir, dado o exagero e o isolamento, condições que permaneceriam ocultas em condições normais.

A partir do texto “Bate-se numa Criança”, Freud avança no estudo das perversões sexuais³. Ao relatar este tipo de fantasia, da criança espancada, Freud considera que esta fantasia só pode ser considerada como um traço primário de perversão. Por algum motivo, um dos componentes da função sexual se desenvolveu mais do que os outros, tornou-se independente prematuramente, sofreu uma fixação e ficou portanto afastado, isolado dos outros processos de desenvolvimento, evidenciando uma formação peculiar no indivíduo. Ou seja, algo que pertence a todos os indivíduos, uma fantasia comum a todos, se isola, torna-se dominante na vida do indivíduo e passa a ditar seu comportamento sexual, evidentemente do tipo perverso. Ressalva ainda que uma perversão infantil deste tipo pode não persistir a vida inteira, pode ser reprimida, substituída por uma formação reativa ou ser sublimada; caso essas três premissas não ocorram, estaremos diante de um caso de perversão. Fiel a sua postulação desde os “Três Ensaios sobre a Sexualidade”, Freud insiste que a

perversão não é um fato isolado na vida de uma determinada criança, ela faz parte de todas as crianças e reiteramos que o que determinará um comportamento tipicamente perverso dependerá justamente do isolamento e fixação da fantasia na organização psíquica do sujeito⁴.

Apesar do pouco material clínico disponível, Freud tenta fazer uma generalização desta fantasia na vida psíquica dos meninos. Ao estudar as diversas transformações das cenas fantasísticas, conclui que a fantasia, nos meninos, cujo conteúdo é de ser espancado pela mãe, não é a primária. Subjacente a ela existe uma outra fantasia preliminar cujo conteúdo é de ser espancado pelo pai. Mais além, ainda, a forma original da fantasia masculina inconsciente é “eu estou sendo amado pelo meu pai”. Portanto a fantasia de espancamento do menino é, desde o início, passiva, e é derivada de uma atitude passiva para com o pai, conclui Freud. Voltamos assim ao que havíamos descrito anteriormente, que a primeira erotização do sujeito, segundo a concepção freudiana, remete o sujeito a um gozo passivo que pode ser qualificado como **feminino**. O menino escapa de sua homossexualidade reprimindo e remodelando sua fantasia inconsciente primária, mas mesmo assim não escapa de uma posição feminina, pois sua fantasia ulterior é a de ser espancado pela mãe. Portanto, o que ele conseguiu em relação a seu homossexualismo foi recalcar a escolha objetual, mas a posição feminina permanece.

Aliás, Freud se pergunta neste texto se a atitude masoquista não coincide justamente com uma feminina, se não é a posição feminina que já forma a base do elemento masoquista da fantasia de ser espancado. Vejamos então como Freud avança nesta questão no seu último texto significativo sobre as perversões, “O Problema Econômico do Masoquismo”, quando estabelece definitivamente que, contrariamente ao que vinha defendendo até então, é o masoquismo que é primário na vida sexual e não o sadismo⁵.

Neste texto, Freud destaca três formas de masoquismo: como uma condição imposta à excitação sexual, como uma

expressão da natureza feminina e como uma norma de comportamento, ou seja, uma forma erotogênica, uma feminina e uma moral. A erotogênica - prazer na dor - está também na base das outras duas.

O masoquismo feminino, com toda sua construção imaginária já descrita nas articulações fantasísticas descritas em “Bate-se numa Criança”, é retomado com seus conteúdos de espancamento, chicoteamento, maltratos e obediência incondicional ao outro. Um estudo minucioso das fantasias masoquistas ricamente elaboradas remete invariavelmente o sujeito a situações caracteristicamente femininas, que significam ser castrado, ser copulado ou dar luz a filhos. Evidentemente o que era questão em “Bate-se numa Criança” passa a ser afirmação, ou seja, a atitude masoquista corresponde a uma situação feminina. Ora, isso, por si só, já é uma questão polêmica em psicanálise. Não parece ser possível uma equação perfeita entre masoquismo e posição feminina, ou seja, o masoquismo não dá conta de toda feminilidade, embora tenha pontos em comum com ela. O mais notável, certamente, refere-se à posição de objeto na fantasia e performance sexuais e, paralelamente, a finalidade passiva já descrita anteriormente; mas, se o masoquismo implica necessariamente fantasias femininas, isso não nos autoriza concluir que o que caracteriza essencialmente a feminilidade é o masoquismo; seria o mesmo que tentar definir a masculinidade pelo sadismo.

Voltemos a nosso propósito principal, que é o de tentar especificar as condições que dificultam o acesso à masculinidade, calcadas no desenvolvimento das próprias contribuições freudianas.

Como apontamos, o masoquismo, de secundário ao sadismo, passa a ser primário na vida sexual e esta mudança teórica corresponde à vinculação da pulsão de morte à sexual. A libido tem como meta tornar inócua a ação da pulsão de morte e atinge este objetivo dirigindo grande parte da pulsão ao exterior. A pulsão é então chamada de pulsão destrutiva. Uma parte da pulsão é colocada diretamente a serviço da ati-

vidade sexual, onde tem uma importante função a desempenhar; é o sadismo. Outra parte não participa desta transposição para o exterior, permanece interna e com a ajuda da excitação sexual que a ela adere se transforma no masoquismo original erotogênico, fruto, como foi visto, da fusão pulsional.

Portanto, com esta virada, Freud postula que a posição erótica mais primitiva do sujeito é a masoquista, prazer na dor, cujo conteúdo imaginário aponta para o chamado masoquismo feminino, que atravessa as diversas fixações eróticas tirando delas suas diversas indumentárias. No predomínio da oralidade primitiva aparece a fantasia do devoramento, já na analidade aparece o desejo de ser espancado, no falicismo o medo à castração e finalmente na genitalidade surge a fantasia de ser copulado e dar a luz.

Todas as fantasias apontam para uma posição nitidamente feminina e este é um esforço que será exigido do homem, ou seja, transformar em atividade a passividade, reprimir ou sublimar as diversas manifestações das fantasias masoquistas que exigem satisfação, para que possa constituir uma identificação predominantemente masculina.

Freud não deixou de observar que a força menor do componente sádico na pulsão sexual feminina facilita à mulher transformar suas tendências eróticas em ternura, mas deixou escapar o grande complicador da direção à masculinidade, que ele mesmo postulou, e que diz respeito, como vimos, às fantasias masoquistas, caracteristicamente femininas, que atravessam o desenvolvimento dos meninos e que se manifestam tão freqüentemente na clínica no medo / desejo de ser devorado pela mulher - que implica necessariamente uma erogeneidade passiva, e sua conseqüente sintomatologia, tais como: impotência, ejaculação precoce.

Freud, indubitavelmente, deixou claro que tanto a direção à masculinidade quanto à feminilidade constituem um grande desafio ao sujeito, basta lembrarmos de seu texto "Análise Terminável e Interminável", onde levanta a questão que esses são justamente os dois temas que mais dificul-

tam o trabalho do analista, ou seja, a distinção entre os sexos⁶. Na mulher, a inveja do pênis; no homem, o repúdio à feminilidade. Os dois circulando em torno do eixo do complexo de castração, que funciona como o fator que mais impede a direção ao término da análise. Centra a questão, em referência à masculinidade, no temor a uma atitude passiva para com os homens, que produziria uma supercompensação rebelde e, conseqüentemente, forma uma das mais fortes resistências transferenciais.

O que tentamos desenvolver aqui circula não só em relação ao desejo pelo pai, mas incide sobre uma ameaça que paira sobre a masculinidade, dada a fixação erótica na relação com a mãe, primariamente configurada sob a égide de um gozo passivo e, além disso, retomamos a questão do masoquismo primário, imaginarizado sob várias indumentárias com uma possível fixação fantasmática que impulsiona o sujeito à busca de um gozo, qualificado pelo autor como feminino, passivo e sua conseqüente sintomatologia.

Com isso, finalizamos observando que Freud não só desconsiderou o período pré-edipiano da relação da menina com a mãe, como ele mesmo atesta. O que podemos concluir é que esta desconsideração se estendeu ao relacionamento pré-edipiano do menino com sua mãe, que, conforme o próprio autor testemunha, é uma relação única, sem paralelos possíveis, e que fica fixada como protótipo para todas as outras relações amorosas posteriores⁷.

RESUMO

O artigo pretende localizar na teoria freudiana os fatores que poderiam ser considerados como complicadores da constituição masculina, incluídos na construção de Freud porém não valorizados como específicos da dificuldade na trajetória em direção à masculinidade.

Referências Bibliográficas

- 1- Freud, Sigmund - “Female Sexuality”, Standard Edition, London, Hogarth Press, 1975, v. XXI.
- 2- Nicéas, Carlos Augusto - “Primado do Falo e Castração Feminina”, *Teoria da Prática Psicanalítica 4*, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1986.
- 3- Freud, Sigmund - “A Child is being Beaten”- *A Contribution to the Study of the Origin of Sexual Perversions*, Standard Edition, London, Hogarth Press, 1975, v. XVII.
- 4 - _____ - “Three Essays on the Theory Of Sexuality” , Standard Edition, London, Hogarth Press, 1975, v. VII.
- 5 - _____ “The Economic Problem of Masochism”, Standard Edition, London, Hogarth press, 1975, v. VII.
- 6 - _____ “Analysis Terminable and Interminable” , Standard Edition, London, Hogarth Press, 1975, v. XXIII.
- 7 - _____ “An Outline of Psycho-Analysis”, chapter VII, Standard Edition, London, Hogarth Press, 1975, v. XXIII.